

Memórias Envoltas de Dor de uma Família Preta

BRUNA LORENY DE OLIVEIRA

intransitiva
• revista

CICATRIZES DA CONTEMPORANEIDADE(V. 5, N. 1, 2021)

Memórias Envoltas de Dor de uma Família Preta

Bruna Loreny de Oliveira

14 de setembro de 1993. Tecnicamente é aqui que começa minha história, pois assim cheguei ao mundo. Coincidentemente no dia da Cruz. Agora, entendo que minha história começa muito antes do meu nascimento. Provavelmente, começou em algum lugar desconhecido da África, em que, algum antepassado foi sequestrado, violado e tratado como um objeto, rumo ao Brasil. A semelhança não poderia ser maior, pois o nome Brasil vem da *caesalpinia echinata*, popularmente chamada de Pau-Brasil. Que por ter uma coloração vermelha, se refere à palavra brasa, originando o nome Brasil. Mas a analogia não poderia ser melhor, vermelho, vermelho do sangue dos milhares de mulheres, homens e crianças que morreram em meio à violência e escravidão portuguesa e brasileira.



Por ter origem africana, me foi roubado o direito de conhecer minha história e saber de onde vim, então, só posso relatar até onde vai a

memória de minha mãe e de meus tios e tias. Exatos 77 anos antes do meu nascimento, dia 14 de setembro de 1916, dia do nascimento do meu avô. Homem que nasceu apenas 28 anos após a “abolição da escravidão” no Brasil. Sei pouco sobre esse homem preto, além do dia do seu nascimento. Sebastião era filho de um preto que fora escravo e liberto, sofreu as mais duras agruras da vida. A história da minha família materna foi forjada na dor.

Ao passar dos anos, meu avô se casa com Conceição, um casamento arranjado pelo pai dela, com um homem que ela não conhecia. O objetivo era se livrar de uma filha, pois não tinham condições de sustentar uma família tão grande em meio à seca do Ceará. Foram anos de casamento e violência. Sobre minha avó Conceição, tampouco, sei, era lavadeira de roupa e benzedeira. Teve, se não me engano, 14 filhos, sofreu com abortos e adotou mais dois, sabe-se lá de que forma. Tinha um filho atrás do outro, quando engravidava, meu avô sumia e voltava a tempo de engravidá-la de novo. Ele pouco ajudava e, ninguém da família sabe bem por onde andava.

Conceição era mulher casada, mas sozinha, foi criando os filhos, se virando e lutando para não os deixar morrer, em meio à fome e à pobreza, isso na época, num povoado chamado Granja, no Ceará. Minha mãe, Maria, pouco se lembra dessa época. A família veio em peso para Mato Grosso, em 70, e minha mãe tinha uns 6 anos de idade. Já no interior de Mato Grosso, foi-se aumentando a família. As lembranças da minha mãe revelam tristeza. Recorda-se do pai, homem negro, alcoólatra e violento, correndo atrás dos filhos com facão. Minha mãe pouco fala sobre isso, mas não sabemos o tipo de violência que sua mãe sofria. Sei apenas que era devota de Santa Bárbara e Santa Conceição; ou seria Iansã e Iemanjá? (Talvez nunca saiba.) Conceição, em meio a sua fé, pobreza e a violência, acabou por também cair no alcoolismo. Dava muito trabalho, brigava com seu marido Sebastião também alcoolizado, desmaiava na rua e isso resultou em diversos problemas de saúde.

Já na década de 80, minha mãe Maria trabalhava em padaria e cursava ensino médio, tinha o sonho de ser professora. Chegou a iniciar um

magistério, mas sem conclusão. Ela foi noiva de um rapaz por volta de 1983, um homem negro, que foi assassinado enquanto almoçava em um restaurante, confundido com um bandido. Em meados da década de 1991, enquanto trabalhava na padaria, saiu leite de seu peito e assim descobriu que estava grávida. Pouco antes, conheceu um homem branco, loiro de olhos verdes e se apaixonou. Joaquim era do Piauí e trabalhava vendendo coisas Brasil afora.

Eles namoraram um tempo, mas ele tinha que retornar para sua cidade. Foi-se embora sem saber da gravidez. Maria tentou de todas as formas entrar em contato, mas sem sucesso. Dessa forma, teve que cuidar sozinha da Valéria. Dona Conceição, a avó, queria nome de santa para minha irmã, sua neta, queria fazer voto, pedia aos céus:

— Que essa criança tenha pele clara e “cabelo bom”, para não sofrer tanto na vida.

Quando nasceu em 14 de abril de 1992, era magrinha e miudinha. Maria trabalhou a gestação toda, só parou para ir parir e pouco comia durante a gravidez. Valéria nasceu loirinha de olhos azuis, foi logo o xodó da família e dos amigos; pessoas na rua, no ônibus e na fila, perguntavam a minha mãe:

— A senhora é a babá?

— Que linda essa bebê! Ela é filha de quem?

Quando minha irmã tinha apenas alguns meses, Conceição, nossa avó, morreu, sem saber ler e escrever, com uma penca de netos e netas. Tinha uma casinha bem pequenininha, com paredes de alvenaria e telhado de palha. Que ficava na esquina da rua Senador Filinto Miller com a rua Campos Sales, 258. Deixou também história, filhos e um marido alcoólatra que piorava a cada dia.

Nesse contexto, minha mãe Maria. Estava passando necessidades e tinha de pagar aluguel. Seu novo locatário, Alessandro, alguns anos mais novo, logo se sentiu interessado. Com apenas duas semanas, foram morar juntos. Pouco depois engravidou e me teve na data em que se inicia essa história.

Nasci gordinha e grande, comia bem, em contrapartida a ordem era:

— Mulher minha não trabalha, tem que cuidar das crianças. — Dizia meu pai.

Casamento que trouxe mais infelicidade e desgosto que felicidade. Alessandro sempre fora fechado, reservado, estranho, quando conheceu minha mãe. Menino ainda novo, já tinha casa de aluguel e carro, um feito na época, para tão tenra idade. Bens que conseguiu por meio do trabalho no garimpo. Já tinha um casamento fracassado e uma outra filha que vi duas vezes durante a minha vida toda. Meu pai, homem preto também, aprendeu a fumar e beber no garimpo, aos 14 anos. Seus pais diziam:

— Não quer estudar, vai trabalhar! — E assim o fez.

Dado aos vícios, seus poucos bens não foram bem administrados e logo os perdeu. Então, conseguiu um emprego em uma usina, seria motorista que trabalhava à noite. Por isso, nos mudamos para uma pequena vila perto do trabalho, zona rural, acesso difícil, pouco contato com familiares. E assim seguiu anos de violência, mas minha mãe sempre dizia para mim e para Valéria:

— Estudem e casem com alguém legal, para não ficarem sofrendo na vida.

Uma das lembranças mais marcantes desse lugar, ainda criança no processo de alfabetização, foi eu tentando ler um livrinho de capa lilás, lia com dificuldade uma poesia sobre um porquinho da índia. Passei a frequentar a escola Rural 7 de abril, na qual cursei até a 4º série. A escola



era pequena e tinha poucos alunos, eu gostava de lá, sempre fazíamos passeios escolares. Em 2004, então, ao terminar o ano letivo, meu pai, decidiu voltar para a cidade, que também era pequena, cidadezinha com cerca de 15 mil habitantes.

E foi exatamente ingressando na quinta série, que pela primeira vez, percebi que era preta. Foi difícil, não tinha muitas amigas e às vezes elas não queriam andar comigo, colegas da sala me chamam de “macaca”, “neguinha”, “cabelo duro” e assim por diante, fingi por diversas vezes, sentir dor de cabeça para me mandarem para casa. Lembro que na época, passei a pensar sobre isso, minha irmã e eu brincávamos de “escrava e sinhá” e eu era sempre a escrava. Mas na escola era cruel, tão cruel, que falei para os meus pais.

Assim, com 11 anos de idade, meu pai me levou no salão, — “Alisa o cabelo”, ele disse. Sem dó. — O cheiro era horrível, queimava minha cabeça, chorei. A partir daí, até diminuiu um pouco: agora zoavam por “esticar o cabelo”, mas eu ficava quietinha e passava despercebida — sempre assim, calada, falava só quando era necessário, e ainda sofro com as dificuldades de falar em público às vezes, e com crises de ansiedade.

Fui crescendo em um ambiente bastante conturbado e regado a álcool e cigarro. Em determinado momento, meu avô, lá do começo da história, veio morar com a gente. Minha mãe descobriu que ele estava sendo maltratado pela sua própria irmã, que cuidava dele. Minha tia o deixava sem comer por vários dias, trancado em um quarto, sujo com suas próprias necessidades. (Penso muito nas violências que minha tia, mulher preta, sofrera. Durante toda a sua vida pelo pai, a ponto de fazer isso, ainda que não justifique.)

Meu avô, ficou tão fraco que não conseguia andar e já não distinguia a realidade. Ele morreu anos depois com quase 100 anos. Nesse ambiente fui crescendo, estudava na escola João Barbosa, aluna mediana, deixava de fazer seminários e trabalhos em grupos para não ter que falar em público e isso atrapalhou as notas. Gostava de história, odiava matemática. No fundamental, professora Miriam, lecionava história e aí me interessei por

essa matéria. No ensino médio, tive o primeiro professor negro: Flávio, era de história também, trabalhou com escravidão e ditadura. Gostei muito. Por isso, fiz o primeiro ENEM para História e Direito. Passei em história, mas me perdi nos prazos para realização da matrícula, visto que morava em outra cidade. Ganhei meia-bolsa no curso de direito, mas não teria como pagar metade do curso e sobreviver. Não contei para os meus pais que tinha perdido o prazo das inscrições e me mudei de cidade, com uma mala de roupas e 20 reais. Já não aguentava aquele ambiente perturbado, hostil e violento.

Aproveitei que minha irmã, que já era casada, estava morando nessa outra cidade, cursava Biologia e morava próxima à universidade. Meu plano era conseguir um emprego e ir morar sozinha. E assim o fiz: quer dizer, morei em repúblicas estudantis, diversas. Arranjei um emprego e fiquei 1 ano trabalhando com venda de cartões de crédito.

Em 2013, passei no ENEM novamente. Coloquei Letras como primeira opção porque gostava de ler, mas não me atentei que havia marcado Letras e Literaturas da Língua Inglesa. Logo eu, que tinha um vocabulário limitado a cat, milk e car e nunca tinha lido um autor sequer em qualquer outra língua! Mesmo assim, decidi tentar. No primeiro dia de aula, na primeira aula, sala cheia 30 e tantos alunos, a primeira professora entra na sala, loirinha e olhos azuis, para falar sobre o curso etc. e tal. Banho de água fria!



— Aqui é um curso de licenciatura e não curso de idioma. Por isso, o aluno deve entrar aqui sendo fluente em língua inglesa ou pelo menos em um nível avançado. — Ela disse.

A turma se encolheu. Quase todos ficaram pesarosos, porque praticamente ninguém havia tido a oportunidade de viajar, fazer um curso de idiomas e muitos, mal tinham acesso à internet, na época.

O que eu ia fazer? Queria fazer um curso superior, mas não sabia inglês, pensei que tinha gostado de uma das professoras que havia falado sobre seu trabalho com literatura e memória. Pensei: “Vou continuar e ver se aprendo alguma coisa de inglês.”

Com o passar dos dias e as dificuldades em estudar outra língua, foram se reduzindo. Vinte e poucos alunos. Sobraram apenas 5 alunos no último ano. Não foi fácil, perdi o emprego, mas consegui uma bolsa de PIBID, e fui vivendo assim. Aprendi muito no curso, me apaixonei por literatura.

E foi assim que conheci O Quarto de Despejo, da Carolina de Jesus. Minha monografia foi em literatura, sobre *Letter to My Daughter*, da Maya Angelou. O Quarto de Despejo mexeu comigo profundamente. Ficava mal, ler sobre a pobreza, sobre ela não ter nada para comer, nem dar aos filhos, a ponto de passar mal. Ela “catava tudo, menos felicidade”. Me cortava o coração, sentia uma impotência terrível. Ler essa obra foi um processo doloroso: lia, parava, chorava igual criança. Afinal, as semelhanças com a minha vida eram constantes.

Durante esse tempo, eu com meus 19 anos, inexperiente de tudo. Nunca havia namorado. Na escola, eu era apenas a garota de recado das minhas amigas brancas. Nunca ninguém se interessou por mim. E acabei conhecendo uma pessoa. Erro total, vejo hoje. Serviu apenas para aprender como não ser um relacionamento. Acabei por entrar num ciclo vicioso, uma relação doentia, que não conseguia pôr fim.

— Não pode usar roupa curta, não pode ter amigos homens, não pode ir em bar com suas amigas; são todas putas! — Escutava e acatava a ordem do meu algoz.

Eu estudava, ele não, e eu era a burra. Eu estava engordando demais. Por vezes disse que eu devia deixar de ser mulata, porque queria falar demais, aparecer demais. Ele se machucava socando a parede, a culpa era minha. Ele quebrava o celular, a culpa era minha, pois o provocava. Puxou meu cabelo uma vez, claro que sim, fiz tudo para que ele perdesse o controle. Em meio a esse caos e, por meio das leituras sobre questões raciais e de feminismos, fui percebendo cada vez mais que tudo estava errado. Mas não conseguia pôr um fim, porque ele havia me isolado. Não tinha um apoio. Durante as leituras meus questionamentos foram surgindo, foi aí que decidi deixar o cabelão natural, nem lembrava como era.

A primeira coisa que meu namorado na época disse:

— Não faça isso! Cabelo assim é horrível! Cabelo liso que é bom! Não vou sair com você assim na rua!

— Vou deixar meu cabelo natural, SIM!

Esse foi o primeiro passo para que eu me firmasse no mundo como mulher e preta. Pouco depois, acabei por conseguir me libertar dessa relação que foi tão tóxica. Foram dois anos, sete meses e três dias dessa prisão. Mas que não acabou tão fácil assim. Não tinha paz! Era ameaçada constantemente. Recebia mensagens, ligações de números desconhecidos e até e-mails dizendo que me mataria e, que se mataria depois.

Uma vez, quando saí com alguns amigos, fui abordada na rua por ele. Meus amigos foram ameaçados. Um amigo o encarou. Ele estava completamente desequilibrado, tentava de todas as formas me manipular. Pedi para meus amigos saírem um momento para tentar falar com ele e dizer CHEGA! Mas foi em vão, ele tentou me agarrar à força, para forçar um beijo. As pessoas que estavam passando na rua perceberam e tentaram intervir. Assim que pude, corri. Corri sem rumo. Olhei para trás e o vi andando também. Em desespero, chorando, não sabia o que fazer. Não podia ir para casa, pois era a rota constante do meu ex-namorado. Ele passava lá todos os dias.

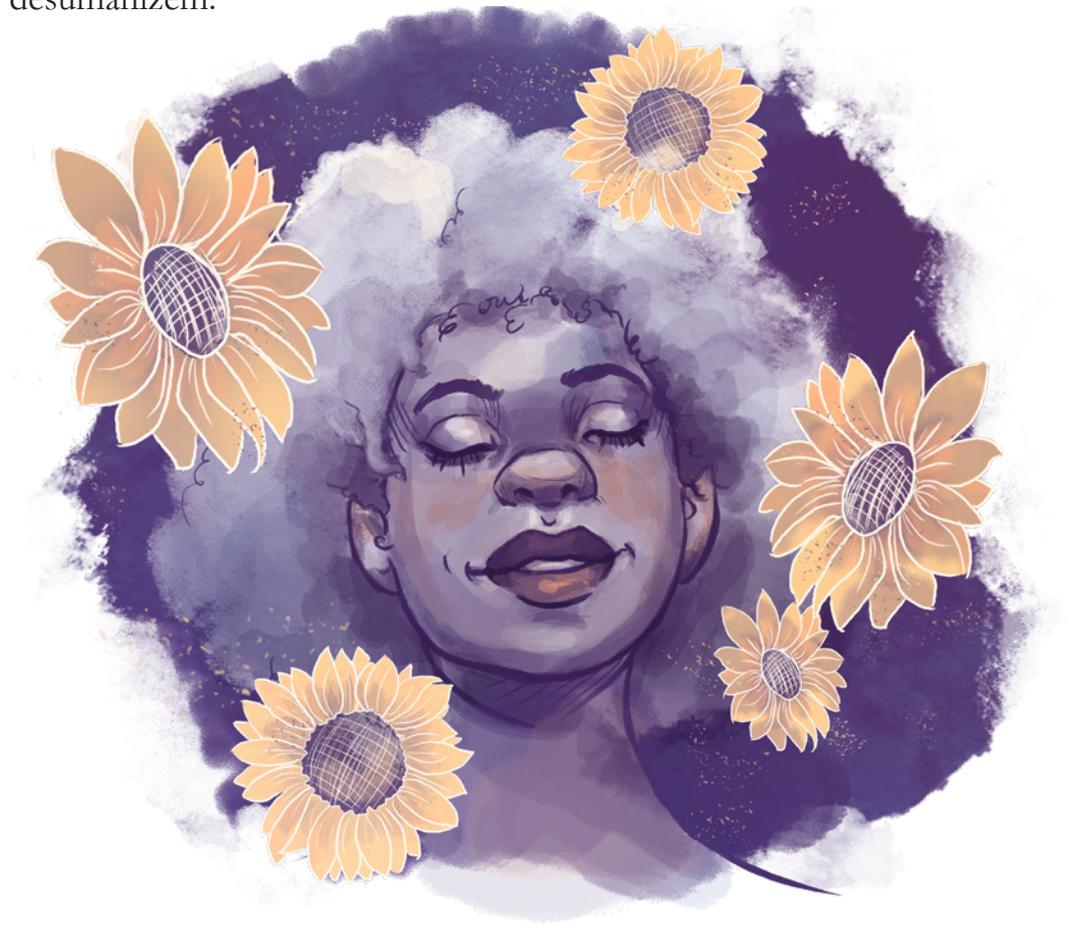
Quando corria afoita pela rua, em prantos. Lembrei de um antigo amigo que dormia sempre tarde. Isso já era madrugada. Me escondi no vão do portão. Chamei-o e ele me ajudou. Estava desolada, não sabia o que fazer. Nessa noite, dormi na casa de uma amiga e decidi que iria me mudar naquela semana. Foi o que fiz. Já na casa nova, me sentia mais segura, ele não sabia onde era. Acabei de envolvendo com outro rapaz. Que logo meu ex-namorado descobriu e passou a persegui-lo também, tentando intimidá-lo. Volta e meia nos encontrávamos na rua e ele nos intimidava passando várias vezes nos lugares onde estávamos. Esse pesadelo durou cerca de seis meses. E só parou porque meu ex-namorado morreu. Sofreu um acidente de carro. Ele morreu completamente obcecado.

Depois disso, foquei nos estudos, terminei minha graduação. Alguns meses depois, consegui uma vaga para aluna especial do mestrado, no qual cursei uma disciplina sobre gênero e sexualidade. Aprendi muito sobre feminismos e questões raciais. Ao mesmo tempo dava aula em uma escola de ensino médio, que me possibilitou trabalhar com a obra de Carolina de Jesus — trabalhando gênero, classe e raça, juntamente com autoras como Angela Davis, Sulei Carneiro, Conceição Evaristo, Bell Hooks, Djamila Ribeiro, dentre outras.

Durante esse período. Tentei trabalhar ao máximo, questões relacionadas à emancipação feminina, sobre a violência nos relacionamentos, sobre o racismo. Porque nós mulheres somos criadas para não revidarmos, para nos calarmos. E questões relacionadas a essas temáticas, aconteciam constantemente dentro da escola. Era comum alunos levarem pautas sobre violência sexual, homofobia, aborto e drogas. Isso estava presente na vida deles.

Depois, consegui ingressar no Mestrado de Educação, ganhei bolsa de estudos. Queria continuar trabalhando com mulheres pretas e assim o fiz. Minha pesquisa foi sobre a representação de mulheres pretas na *sitcom Everybody Hates Chris*. Abordei os estereótipos que mulheres pretas recebem na mídia, como *mammys*, *sapphires*, mulheres invisibilizadas, mulheres briguentas, a que só faz trabalhos domésticos. Pontuamos como o humor e a mídia servem para disseminar esses estereótipos e naturalizá-los.

Enfim, sou a primeira pessoa da minha família a ter mestrado. Conteí toda essa história para pontuar como o racismo e o machismo afeta a vida da gente. O tempo mudou, mas ainda existem pontos em comum que compartilhamos. Desejo que todos os irmãos pretos e pretas possam conhecer suas histórias e se emanciparem a partir delas. Que possamos cada vez mais ocuparmos espaços como esse, que aprendamos a deixar de odiar quem somos e nos amarmos cada vez mais. E sempre nos nomearmos, somos Carolinas, Marias, Sebastões e Brunas, tanto pela importância da nossa ancestralidade, quanto para que nunca mais nos desumanizem.



Ilustrações de Paula Isabelle Souza

Sobre a autora

Possui Graduação em Letras e Literaturas da Língua Inglesa pela Universidade Federal de Mato Grosso (2013/2017). Mestre em educação pela mesma instituição (2018/2020). Possui interesse nas áreas de literatura, negritude, feminismos e mídias.